

A ASSEMBLEIA NACIONAL SOLIDARIZA-SE COM OS CRIMES DO GOVERNO FASCISTA DE SALAZAR

O Partido Comunista Relembra!...

Ao aporem a Nota oficiosa do Ministério da Guerra, de 2/2/48, os deputados da Assembleia Nacional solidarizaram-se abertamente com os crimes e assassinatos do Governo. O Partido Comunista, nada tendo que ver com o «panfletico» e com a queixa apresentada à polícia contra o Ministro da Guerra, tornando-o responsável pela morte do General Godinho, afirma, entretanto, que este, encontrando-se bastante doente, foi enviado para um Presídio militar, quando tudo aconselhava o Hospital.

Agora, o Governo, por intermédio do seu Ministro da Guerra, pretende librar as suas responsabilidades, querendo fazer-se passar aos olhos do Povo e do País, como um Governante de homens cheios de humanidade, de homens muito cristãos, muito tementes a Sua Excelência, o Ministro da Guerra, diz ignorar, porque se encontrava ausente no Norte do País, se alguma ocorrência extraordinária foi notada durante a transferência dos presos militares. Diz mais: «Coitamos a impressão (nota bem: a impressão) de que os serviços militares se houveram na emergência com a maior correção, como é seu direito e lhes é insistentemente recomendado». Admite ainda, Sua Excelência, a hipótese de tal modo a polícia nada ter sabido da enfermidade dum preso (acusador do Ministro da Guerra), cujo nome desconheçamos.

VI SÉRIE N.º 115 2.ª QUINZENA DE FEVEREIRO DE 1948 PREÇO 550



Avante!

Proletários de todos os Países: UNIA-VOS!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

Reforcemos a Unidade

Luta contra os divisionistas e provocadores

A solução do problema político português apresenta-se, na actual situação, da seguinte forma: ou o salazarismo consegue dividir as forças de oposição democrática, com o afastamento dos comunistas e outros democratas mais consequentes e honestos, o que lhe permitirá a sua continuação no poder com a constituição de uma oposição inofensiva, ou ele não consegue esta divisão e a sua manutenção no poder cada vez se tornará mais precária e insustentável. O problema da divisão das forças da oposição democrática e a constituição de uma oposição inofensiva é, por conseguinte, uma questão de vida ou de morte para o próprio salazarismo. Mas seria um erro pensar-se que o único interessado em dividir as forças democráticas e constituir essa oposição dócil, é apenas o salazarismo. Não. Uma tal manobra, é apoiada e patrocinada pelos actuais dirigentes anglo-americanos, mas muito particularmente pelos americanos. Não é só, portanto, o agravamento das condições internas portuguesas que força Salazar, na actual situação, a um novo reajustamento das forças políticas, mas também o próprio evoluir dos acontecimentos internacionais.

Neste período que tem decorrido após o término da guerra, não foi possível ao Salazarismo, mesmo com todo o apoio que a reacção mundial lhe tem dispensado, consolidar a sua estabilidade política do modo que se ficou com a derrota dos países do Eixo. Os esforços feitos pelos reacçãoários anglo-americanos para introduzirem o Portugal salazarista na ONU até hoje não foram coronados de êxito. Com todos estes apoios e manobras não foi possível esconder ou desfazer o carácter fascista do regime de Salazar. Pelo contrário, na luta que se tem travado, esse carácter tem aparecido com muito mais nitidez, para muitos povos que desconheciam as características do actual regime português. A defesa e apoio a um tal Governo por parte dos actuais dirigentes anglo-americanos — que se dizem defensores da liberdade e da democracia — estão em contradição com tal afirmação e tornam-se, por isso, tão fáceis mais comprometedores para eles. Esta a razão pela qual eles têm todo o interesse em que o Governo fascista de Salazar passe a cobrir-se com um manto que lhe dê uma aparência democrática. Um tal manto, só pode ser a constituição dessa oposição dócil, onde não participem os comunistas e outros verdadeiros democratas. Esquizado será dizer que tais manobras conciliatórias e divisionistas, nada têm que ver com o derubamento do salazarismo nem com a instauração da Democracia em Portugal, mas sim favorecer os que lutam contra ela.

O GOVERNO E SEUS LACAIOIS, CONTINUARÃO MANOBRANDO PARA DIVIDIR OS DEMOCRATAS

O Governo e todos os seus agentes, apesar de desmascarados e denunciados pelo Partido Comunista e demais verdadeiros democratas, apesar de serem forçados a deixar cair a máscara, não desistirão, eles insistirão nos seus intentos. Vejamos o que

PARA ONDE VAI O FUNDO DAS CAIXAS DE PREVIDÊNCIA

O Salazarismo tem criado diversas instituições que (diz ele) têm como fim proteger os trabalhadores, mas que afinal só têm servido para extorquir aos miseráveis salários destes, sem qualquer resultado real para eles.

Entre algumas instituições contam-se as Caixas Sindicais de Previdência. Os fundos acumulados nestes organismos sobejam já a algumas centenas de milhares de contos. Contudo, os trabalhadores continuam, na sua maior parte, sem a menor assistência e alguns que a têm conseguido receber, é deficientíssima, limitando-se à consulta médica ou a algum medicamento barato.

Para dar uma ideia clara do que é essa assistência vamos servirmo-nos da Organização Corporativa de 1915. Segundo ela, as receitas entradas, em 1944, somaram um total de 84.972 contos e as despesas apenas 17.061 contos; isto é, ficaram por gastar 67.911 contos.

Vejamos agora em que foram gastos esses 67.911 contos. Com a administração foram gastos 5.734 contos; com médicos e enfermagem, 1.824 contos; para nascimentos, 28 contos; para morte, 249 contos; para pensões e invalidez, 182 contos; para velhice, 1.090 contos e com a rubrica de outros a importância de 9.883 contos. Quer dizer: se juntarmos as importâncias que foram gastas com a assistência propriamente dita, elas somam apenas 15.617 contos foram gastos com a administração e a rubrica, outros, como se vê, dos 84.972 contos entrados, em 1944, apenas 4,5 por cento receberam em benefício dos trabalhadores, aproximadamente 20 por cento foi para os burocratas instalados nestes organismos pelo salazarismo e os restantes 75,5 ficaram sem qualquer emprego.

Esta situação veio-se mantendo ainda até há pouco; mas os trabalhadores de alguns ramos da indústria já começaram a exigir que ela se modificasse. Assim, vêm fazendo diligências para que esse fundo retido em Caixa passe a ser empregado em seu benefício. Os operários da Covilhã conseguiram que parte desse fundo seja

empregado na construção de casas económicas; os operários vidreiros da **MARINHA GRANDE** fazem diligências no mesmo sentido e os operários conserveiros de **SEIBAL** e **ALGARVE** exigem a abertura de postos de assistência e o fornecimento de medicamentos, etc.

Para fugir a esta pressão dos trabalhadores e continuar na posse dessas centenas de milhares de contos, que lhe não pertencem, o salazarismo acaba de criar uma Federação das Instituições de Previdência, procurando assim, com

esta manobra, continuar a ludir os trabalhadores, não lhes prestando a menor assistência.

Trabalhadores! não vos deixeis ludir! Segui o exemplo dos operários conserveiros. Nomeai Comités entre vós para que, junto dos sindicatos, dirigentes das Caixas de Previdência e subsecretariado das Corporações, exijam que os milhares de contos inativos em caixas sejam empregados em obras de previdência, assistência e construção de casas de renda barata. Procurai estabelecer contacto

com o Ministério da Economia, procurando (no fundamental) glorificar a sua obra, contida em louros e escudor da verdadeira situação económica do País.

Mas que paradoxo! No dia em que o ministro fazia a defesa da sua obra, dois apologistas do Governo de que faz parte, algumas horas antes, os deputados Antunes Guimarães e Carlos Lollo, levantaram a sua voz na Assembleia Nacional pedindo providências para a grave crise em que se está debatendo a lavoura — uma parte porque não encontra mercado para os seus produtos, como por exemplo o vinho e a batata, e a maioria porque não se encontra em condições de produzir aos preços correntes. A política de importação em massa de alguns géneros, aumento de facto a sua quantidade à venda no mercado, mas os seus preços estão muito longe de corresponderem aos preços da lavoura; o mercado interno, portanto, eliminado mas não substituído pelo próprio governo. Por outro lado, julga-se que os problemas do abastecimento terão ser solucionados com o atrair para o estrangeiro centenas de milhares de contos e com a importação de algumas centenas

de milhares de toneladas de géneros, é o que há de mais insensato, pois o Governo, para fazer cair o descontentamento popular não soube encontrar numa política de fomento da produção agrícola a solução aconselhável e mais económica para o País. Hipótese há muito tempo apontada e que tem a produção necessária, e é por outro lado, para estimular a pequena produção, o governo entrou numa política de importações massivas, que fazendo a fortuna de meia dúzia de grandes comerciantes, levou à desorganização de toda a produção nacional fazendo sair para o estrangeiro um verdadeiro chafariz de ouro, política que o Ministro da Economia há meses atrás sintetizou na sua extraordinária afirmação: «esteiro que não tem de estar».

Essa política levou a maior parte da lavoura portuguesa a uma crise aguda de qual dificilmente saíra, e que terá os seus reflexos em toda a restante economia do País que será atingida inevitavelmente por uma crise muito mais profunda do que a dos anos de guerra.

Afinal, que os problemas de abastecimento, sendo solucionados, que a falta dos preços foi atenuada e que estas foram feitas no seu justo nível — como afirmou o Ministro — é mentir descaradamente.

Para o Ministro, o governo foi previdente e actuou no devido tempo pondo em prática as medidas que mais convinhão ao interesse do País; isto é, nem houve nem há — segundo ele — através da crise pela qual estamos passando; a menor responsabilidade do governo salazarista. Toda a falta de géneros alimentícios que durante longos anos se fez sentir e ainda se faz em medida proporcional, os seus preços exagerados, o mercado negro, tudo isto se deve a causas das de guerra, não à incapacidade do governo para enfrentar tais problemas.

Ora, a realidade é muito outra: os factos provam o contrário. Não é só as causas da guerra que se tem de atribuir os principais factores que originaram a falta de géneros alimentícios no nosso país e o seu encarecimento, mas mais a impotência do próprio governo salazarista, em prever e tomar medidas a tempo de impedir essa escassez e encarecimento. Países hoje, como a Dinamarca, Noruega e Holanda, que tendo sofrido as devastações da guerra e não tendo gozado a sábia neutralidade de colaboradores de Salazar, puderam, terminada a guerra, fornecer a Portugal batata e outros produtos agrícolas.

O Salazarismo só começou a tomar providências no sentido de melhorar o abastecimento público, quando se viu pressionado pelos movimentos que eclodiram de Norte a Sul do país, particularmente

política de verdade, NAO!
Política de mentira, SIM!

COMO O MINISTRO DA ECONOMIA JUSTIFICA A POLÍTICA ECONÓMICA DO GOVERNO

de millhar de toneladas de géneros, é o que há de mais insensato, pois o Governo, para fazer cair o descontentamento popular não soube encontrar numa política de fomento da produção agrícola a solução aconselhável e mais económica para o País. Hipótese há muito tempo apontada e que tem a produção necessária, e é por outro lado, para estimular a pequena produção, o governo entrou numa política de importações massivas, que fazendo a fortuna de meia dúzia de grandes comerciantes, levou à desorganização de toda a produção nacional fazendo sair para o estrangeiro um verdadeiro chafariz de ouro, política que o Ministro da Economia há meses atrás sintetizou na sua extraordinária afirmação: «esteiro que não tem de estar».

Essa política levou a maior parte da lavoura portuguesa a uma crise aguda de qual dificilmente saíra, e que terá os seus reflexos em toda a restante economia do País que será atingida inevitavelmente por uma crise muito mais profunda do que a dos anos de guerra.

Afinal, que os problemas de abastecimento, sendo solucionados, que a falta dos preços foi atenuada e que estas foram feitas no seu justo nível — como afirmou o Ministro — é mentir descaradamente.

Para o Ministro, o governo foi previdente e actuou no devido tempo pondo em prática as medidas que mais convinhão ao interesse do País; isto é, nem houve nem há — segundo ele — através da crise pela qual estamos passando; a menor responsabilidade do governo salazarista. Toda a falta de géneros alimentícios que durante longos anos se fez sentir e ainda se faz em medida proporcional, os seus preços exagerados, o mercado negro, tudo isto se deve a causas das de guerra, não à incapacidade do governo para enfrentar tais problemas.

Ora, a realidade é muito outra: os factos provam o contrário. Não é só as causas da guerra que se tem de atribuir os principais factores que originaram a falta de géneros alimentícios no nosso país e o seu encarecimento, mas mais a impotência do próprio governo salazarista, em prever e tomar medidas a tempo de impedir essa escassez e encarecimento. Países hoje, como a Dinamarca, Noruega e Holanda, que tendo sofrido as devastações da guerra e não tendo gozado a sábia neutralidade de colaboradores de Salazar, puderam, terminada a guerra, fornecer a Portugal batata e outros produtos agrícolas.

As mulheres portuguesas e a «manifestação»

~ a Salazar ~

A manifestação a Salazar, levada a efeito por muitas milhares de almas da alta sociedade com o fim de se fazer crer ao País e ao mundo que as mães, esposas, filhas e noivas de Portugal, graças à feliz existência que lhes foi assegurada por Salazar e ainda pela tranquilidade e bem estar que disfrutaram durante a guerra, apoiam inteiramente o seu governo fascista, é uma mentira.

A realidade é bem outra. A maioria esmagadora das mulheres portuguesas, vítimas da mais infame exploração, vergadas ao peso de cruéis sofrimentos e condenadas a feio e brutal opressão a que Salazar as submeteu, odeia o seu regime de terror e violência porque sabe, por experiência própria, quanto ele as tem ferido e humilhado, quantas lágrimas lhes tem feito derramar e quanto mal tem causado ao povo e à Nação.

Se olharmos a condição social das senhoras promotoras da «manifestação», pertencendo a fami-

lias da alta burguesia reacçãoária, aos grandes tubarões fascistas, logo nos saltará à vista o significado dessa manifestação encomendada, chamada espontânea. Logo nos daremos também conta de que, não foram as mulheres do povo que acorreram em «massa» para manifestarem o seu carinho ao ditador português.

Não! Não foram as mulheres do povo que foram agradecer a Salazar!

Não foram as mulheres trabalhadoras do nosso País, as operárias e as camponesas com os seus salários de fome que mal lhes dão para viverem uma vida miserável.

Não foram as mães, esposas, filhas e noivas dos pequenos e médios camponeses, dos pequenos e médios comerciantes, dos pequenos e médios industriais, que Salazar tem arruinado em benefício dos grandes senhores agrários, do grande comércio e dos grandes magnatas da indústria!

Não foram as mães, esposas, filhas e noivas dos democratas portugueses que têm visto os seus entes queridos encerrados nas massmoras salazaristas pelo único

CAMARADA

ORGANIZA O TEU GRUPO DE «AMIGOS DO PARTIDO»; AUMENTA A TUA CONTRIBUIÇÃO FINANCEIRA PARA O PARTIDO; ESFORÇA-TE, PARA QUE A CONTRIBUIÇÃO EXTRAORDINÁRIA DE 100 CONTOS A REALIZAR EM QUATRO MESES, TERMINE COM ÊXITO! ESFORÇA-TE E TRABALHA NO SENTIDO DE QUE TODOS OS SIMPATIZANTES E AMIGOS DO PARTIDO COMPREENDAM AS NECESSIDADES FINANCEIRAS DO PARTIDO E SE ESFORCEM, POR SUA VEZ, POR AUMENTAREM AS RECEITAS DO PARTIDO!

